

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas, Papirus, 1985, 183 p.

Nelson Carvalho Marcellino\*

A atualidade da temática é a primeira observação que se deve fazer a respeito do trabalho de Áurea Maria Guimarães, **Vigilância, punição e depredação escolar**. A questão, apesar de estar presente no cotidiano dos educadores, de modo particular, e da população em geral, que dela toma conhecimento diretamente, nas suas comunidades, ou através da imprensa, não tem suscitado o esforço de análise que merece; portanto, deve-se destacar também a oportunidade do estudo dessa socióloga.

Motivado pela vivência profissional da autora, a partir do seu trabalho como assistente técnica da CONESP — Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo, o livro, originalmente sua dissertação de mestrado, na área da Filosofia da Educação (PUC-CAMP), é a combinação bem articulada entre pesquisa bibliográfica aprofundada e trabalho de campo, realizado em escolas públicas de primeiro e segundo graus, na cidade de Campinas-SP. A pesquisa é levada a efeito tendo por base uma “hipótese inicial que haveria uma

relação entre vigilância, punição e depredação escolar” (p. 15).

Na delimitação da pesquisa, Áurea opta “por estudar a depredação efetuada somente pelos alunos”, uma vez que, num só trabalho seria impossível analisá-la de forma global. Justifica tal delimitação, argumentando que “embora aconteça em menor escala, esse tipo de violência chamou minha atenção porque à primeira vista pareceu-me que ocorria em quase todas as escolas onde a direção se caracterizava pelo seu rigor punitivo” (p. 15).

Na primeira parte do trabalho, “A escola anti-educativa”, a autora nos dá conta da pesquisa bibliográfica, analisando a “vigilância e punição na escola, segundo a ótica de Michel Foucault”, relacionando a escola e a realidade, a partir de estudos do IDAC — Instituto de Ação Cultural e destacando os pontos de similaridade entre as teses dessas duas fontes.

Na segunda parte, “Violência na Escola”, são destacados, num primeiro momento, os critérios pa-

\* Professor da PUC-CAMP e Doutorando em Educação pela UNICAMP.

ra análise das escolas, formulados a partir da pesquisa bibliográfica. No segundo capítulo dessa parte é que o livro torna-se ainda mais interessante, pois a análise da autora é baseada e intercalada por depoimentos dos alunos, colhidos em entrevistas, motivadas por discussões baseadas em desenhos, onde a escola é apresentada separadamente: isolada, em atitude de depredação e de cooperação para conservação. Os depoimentos são de alunos de 5<sup>ª</sup>. a 8<sup>ª</sup>. série do primeiro grau. Assim, a temática é analisada a partir da perspectiva dos alunos: a vigilância, como "instrumento de controle e dominação", a punição, "muito mais uma forma de discriminar comportamentos do que castigar" e a depredação, como "um campo de violência aproveitado". Ao final, a autora coloca que "muitos caminhos estão sendo apontados pelos próprios alunos; é preciso que os educadores ouçam o que eles têm a dizer" (p. 136). Baseada nisso, no terceiro capítulo, "elementos para uma antidisciplina", Áurea deixa, novamente, a palavra com os alunos, examinando suas reclamações, considerações favoráveis à escola e sugestões.

Com relação à hipótese inicial a conclusão é que "não há uma relação direta entre o rigor dos sistemas de vigilância e punição e a depredação do prédio", uma vez que a autora encontrou "escolas

com rígido sistema de disciplina e que não são danificadas; em outras, a disciplina inexistente, mas o prédio é depredado; como também há estabelecimentos onde a rigidez disciplinadora parece ocasionar a depredação feita por alunos" (p. 133). A afirmação geral da socióloga é que "todas as escolas pesquisadas em Campinas apresentam-se fundamentalmente autoritárias, confundindo liberdade com desorganização e disciplina com repressão" (p. 134).

O texto preciso de Áurea é ilustrado com trinta e quatro desenhos de alunos de 1<sup>ª</sup> a 4<sup>ª</sup> série, perfeitamente integrados nas discussões, retratando a maneira como a escola é "entendida" por quem a frequênta. Felizmente, a autora, indica na Introdução, sua intenção de retomar o estudo, através do material colhido junto às crianças, mediante essa forma de expressão. Os critérios e dados estatísticos do estudo, fazem parte da obra, em apêndice.

Atual, oportuno e corajoso, o livro é leitura obrigatória para todos aqueles educadores, administradores escolares, ou não, engajados no processo de construção de uma escola "onde os alunos e professores tenham suas palavras ouvidas" e "realizem juntos o aprendizado da autoridade (sem autoritarismo) e da liberdade (sem licenciosidade)" (p. 158).